

A peça proibida foi montada ontem em Santo André

Os trechos proibidos da peça "I Feira Paulista de Opinião" foram montados ontem à noite, no Teatro de Alumínio de Santo André (foto maior). Em São Paulo, todos os teatros estavam vigiados e um estudante foi preso pela Polícia.

Os artistas enganaram a Polícia Federal, ontem à noite, interrompendo uma peça do Teatro de Alumínio de Santo André para apresentar os textos e as músicas da I Feira Paulista de Opinião, proibidos pela Censura. Para caracterizar a "desobediência civil" contra os 84 cortes dos censores, os artistas escolheram um teatro do interior, porque os da capital estavam policiados. No momento em que a I Feira era encerrada em Santo André, uma comissão de atores ia aos teatros de São Paulo para dizer que ela estava sendo levada "em algum lugar do Estado". O público aplaudia de pé.

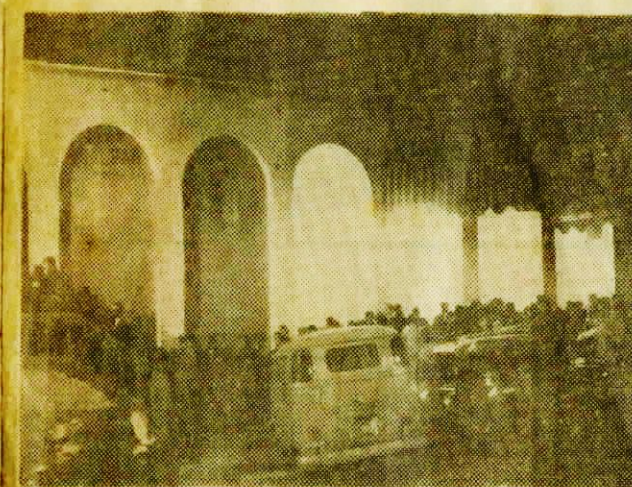
Depois da reunião com os deputados, ontem à tarde, na Assembléia — e apesar da proibição, "com ou sem os cortes", determinada pelo diretor do Departamento de Polícia Federal, general Sílvio Correia — os atores foram ao Teatro Ruth Escobar dispostos a encená-la. Às nove horas, o saguão do Ruth Escobar estava cheio de artistas e de estudantes, que queriam assistir à peça. Mas, uma hora antes, o delegado João Rufino, da Polícia Federal, tinha interditado o teatro, para impedir também uma possível assembléia da classe teatral.

Às nove e meia, em frente ao teatro, seis agentes da Polícia Federal prenderam um rapaz alto, de barba ruiva, estudante do Colégio Aplicação, Eduardo Abramovoy. Ele foi acusado de colocar cinco bombas Molotov numa das peruas da Polícia. Uma das bombas, que estava dentro de um saco de papel, caiu, mas não chegou a explodir. O estudante foi transferido para o Serviço de Ordem Pública e Social, na Avenida da Liberdade, apesar da interferência de dois deputados. Eduardo Abramovoy, disse que tinha ido assistir à peça com sua irmã e que estava fechando o seu carro quando foi agarrado pelos agentes da Polícia Federal.

Depois do incidente, os artistas saíram em pequenos grupos e foram para Santo André encerrar os trechos proibidos. Em seguida, Augusto Boal, Flávio Império, Plínio Marcos, e o presidente da UEE, José Dirceu, voltaram para São Paulo, e pediram à Polícia que soltasse o estudante preso. Eles se reuniram em frente ao Canal 9, na rua Nestor Pestana, e ficaram mais de duas horas nos bares próximos, comentando que "as bombas eram uma encenação dos agentes do SOPS, que precisavam arrumar uma vítima da desobediência civil".

Na mesma hora, os outros artistas discutiam na casa da atriz Ruth Escobar as medidas que tomariam para libertar o estudante. À uma e meia da manhã, uma perua do DOPS parou em frente ao Canal 9, e dissolveu todos os grupinhos de artistas.

No mesmo instante, o presidente da UEE, José Dirceu, anunciava a seus colegas uma assembléia de estudantes na Cidade Universitária, para as 14 horas de hoje, e Plínio Marcos dizia que "o estudante preso já tinha um bom advogado para tirá-lo do SOPS".



À noite, a Polícia esteve no Teatro Ruth Escobar para impedir que a peça fosse encenada e prendeu o estudante Eduardo Abramovoy, do Colégio de Aplicação. Pela manhã, o ator Walmor Chagas e outros foram à casa de Gama e Silva, pedir a liberação da peça. O ministro não estava. Mas o seu secretário prometeu que daria uma resposta sobre a liberação, ainda hoje.

EMDA WATCH
LUXE
SWISS MADE

PRECISÃO
E DISTINÇÃO
A PREÇO
RAZOÁVEL

Distribuidor exclusivo
EMMANUEL BLOCH JÓIAS S.A.
RIO - SÃO PAULO - P. ALEGRE

S. J. de Melo - 50.300

Os artistas podem ser processados pela Polícia Federal

O general Sílvio Correia disse ontem que iria processar os artistas que desobedecessem a sua ordem de não encenar a I Feira Paulista de Opinião, "em qualquer teatro".

Desde as 18 horas, seis policiais do SOPS, comandados pelo delegado João Delfino, estavam na porta do Teatro Ruth Escobar para impedir a venda de ingressos para a peça.

Dona Judith de Castro Lima, chefe da Censura Federal em São Paulo, recebeu ontem um requerimento, assinado por vários artistas, pedindo a liberação do espetáculo. Gianfrancesco Guarnieri, Ruth Escobar, Walmor Chagas e outros disseram no requerimento que "as expressões cortadas pela Censura seriam retiradas do texto, de acordo com o combinado com o ministro Gama e Silva, progressivamente".

À tarde, os artistas estiveram na Assembléia Legislativa para debater o problema dos cortes com alguns deputados. Dessa reunião nada resultou: Fernando Perone foi o único deputado que apoiou inteiramente as reclamações dos artistas. Os outros apoiaram em parte: eles acham que a peça "agride o público pelos gestos e pelos palavrões".

Os artistas, aparentemente sem nenhuma liderança, não souberam impor as suas razões, durante quase quatro horas de debate. Pediram apenas aos deputados que eles encaminhassem uma moção ao presidente da República e ao ministro da Justiça, para que "se faça uma reforma na Censura brasileira". Gilberto Gil, Geraldo Vandré e Augusto Boal — que falaram em nome de toda a classe teatral — querem que "os militares sejam afastados para dar lugar a homens de boa cultura artística".

Na casa do ministro eles conseguiram apenas uma promessa

O ministro Gama e Silva não recebeu os artistas que foram ontem em sua casa, na rua Jacarézinho, para entregar um recurso pedindo a liberação da peça I Feira Paulista de Opinião: ele viajou logo de manhã cedo, para Brasília.

Mas os artistas ficaram na porta da casa do ministro, até às dez horas, quando o secretário de Gama e Silva resolveu falar com Augusto Boal e Walmor Chagas. A reunião demorou alguns minutos acabou sem nenhuma solução; a resposta definitiva sobre a liberação será dada hoje, segundo promessa do secretário.

Os artistas não ficaram satisfeitos com a promessa e, às 11,45, estavam no Departamento de Polícia Federal, com um relatório sobre todos os acontecimentos para o general Sílvio Correia de Andrade. Não foram atendidos: o general tinha saído para almoçar.

A I Feira Paulista de Opinião teve 84 cortes em 69 páginas de texto. Para Augusto Boal, a atitude da Censura é "absolutamente imoral, porque a peça deixa de ser um todo e o autor é considerado responsável por uma coisa que não é dele".

Lauro Cezar Muniz, autor de uma das seis peças da I Feira, acha que "lutar contra a Censura é o único meio de não deixar morrer o teatro brasileiro".

O pintor Mário Gruber diz que o que a Censura está fazendo é "um desrespeito ao público".

Mas todos eles acreditam que mais cedo ou mais tarde a peça será liberada, porque contam com o apoio de alguns deputados, do ex-juiz auditor Tinoco Barreto, dos críticos Decio de Almeida Prado, Sábato Magaldi, Anatol Rosenfeld e Paulo Mendonça e da "opinião pública".